Capítulo XXVI — A Religião na eternidade (continuação)

Como a água, o fogo, o ar, o elemento em que vivem os seres lhes comunica suas propriedades, assim o imenso oceano de amor e de luz, esse elemento divino em que viverão os eleitos, produzirá em todas as partes de seu ser maravilhas que o homem aqui embaixo não saberia compreender, mas que satisfarão, e muito além, todos os nossos desejos, todos os nossos sonhos de felicidade, por mais extensos e brilhantes que sejam.

O ferro mergulhado na fornalha toma as qualidades do fogo; assim o corpo do homem, mergulhado no foco do amor divino, tomará qualidades divinas. De corruptível, tornar-se-á espiritual; hoje enfraquecidos ou doentes, seus sentidos e seus órgãos adquirirão então um grau de vigor, de beleza, de agilidade, de vitalidade sem comparação na natureza: que indizível felicidade! Julguemo-lo pelo que todos fazemos para conservar esses bens tão imperfeitos aqui embaixo, ou para recuperá-los quando os perdemos. Seria preciso escrever, desde a primeira página até a última, a história do gênero humano, se se quisesse contar tudo o que o homem faz por seu corpo. Quantas viagens empreendidas, quantas privações suportadas, quantos rios de sangue derramados, quantas montanhas de ouro e de prata sacrificadas, quantas vidas consumidas pela saúde, pela beleza, pela vida!

Mas há para o corpo um bem que o homem deseja, hoje sobretudo, com inconcebível ardor: é a agilidade; já não quer distância. O peso da matéria o incomoda; a todo custo quer libertar-se dele. E seu gênio é posto a contribuição, e espantosas maravilhas coroam seus esforços, e o vapor lhe empresta sua força todo-poderosa, e a eletricidade sua rapidez fabulosa, e o ferro sua solidez, e as montanhas se abaixam diante dele e, mais rápido que a ave, transpõe num piscar de olhos espaços imensos. Aspira a dar a volta ao mundo com a presteza do pensamento, e os êxitos que obteve e os que ainda sonha lhe proporcionam um incrível gozo. Pois bem! O céu é o complemento desse desejo de agilidade que nos atormenta. Tornados espirituais, nossos corpos não serão mais obstáculo à atividade da alma, que os transportará aonde quiser, com uma facilidade e uma presteza maravilhosas.

Para seu corpo, o homem deseja também a vida. Oh! se pudesse esperar a imortalidade, que não faria para consegui-la? Perguntai-o à pressa extrema que põe em prolongar seus dias e ao temor excessivo que tem de morrer. Vede como luta contra a doença, como se debate contra a morte. A medida dos esforços que faz para subtrair-se a ela é a medida de seu amor à vida. Pois bem! O céu é o complemento desse desejo, o mais indestrutível e o mais imperioso do coração humano.

A beleza, a saúde, a agilidade, a vida: tais são os grandes bens que o homem deseja para seu corpo, que persegue, que busca, que compra a todo preço. A religião o conduz a possuí-los, dá-lhos

no céu.

Se nosso corpo, reformado sobre o modelo do próprio corpo glorioso do novo Adão, se tornará tão belo, tão luminoso que não cederá ao sol em beleza e em brilho, como dizer a perfeição a que será elevada, ao contato do amor eterno, nossa alma e cada uma de suas faculdades? Aqui ainda, a satisfação superabundante de todos os nossos mais caros, de nossos mais vastos desejos.

Para seu espírito, o homem deseja conhecer. Vedes-lo empreendendo longas viagens, atravessando os mares, galgando montanhas cujo cume se perde nas nuvens, descendo até as entranhas da terra, consumindo-se em vigílias prolongadas, desgastando-se antes do tempo! Por quê? Para conhecer alguma verdade a mais; e depois, feliz e orgulhoso quando entreviu, através de um véu espesso, alguma das belezas do mundo espiritual, cantando sua felicidade em todos os tons e publicando-a por toda parte.

Entretanto, que é essa verdade? Que é essa beleza? Que são todas as verdades que podemos descobrir aqui embaixo, todas as criaturas em que pensamos ver belezas tão arrebatadoras? Vestígios do Criador, diz São Tomás, vestigia Creatoris.

Se, pois, as simples marcas de vossos pés, impressas como na areia, têm uma beleza que anima todas as coragens, um brilho que excita todas as paixões, encantos que prendem todos os espíritos, atrativos que cativam todos os corações e que abalam o mundo inteiro, quem pode conceber o que é ver vossa face, ó fonte inesgotável de belezas[1]!

Pois bem! O céu é a satisfação plena, inteira, eterna desse desejo insaciável de ver o que é belo. Ali veremos a Beleza fonte de todas as belezas; vê-la-emos sem intermediário, não num espelho, mas face a face e sem véu; vê-la-emos em si mesma e no segredo de todos os acontecimentos. Admitidos nos conselhos de Deus, saberemos por que o mundo foi criado; veremos correr diante de nossos olhos esse rio do tempo que alegra a cidade do Altíssimo, mostrando em cada uma de suas ondas um desses acontecimentos inumeráveis que compõem os anais do mundo e cujo mistério nosso espírito tantas vezes tentou penetrar. Conheceremos a causa de todas essas revoluções do globo que espantam a ciência, desafiando-a. Veremos as molas secretas por que a Providência dirigiu todas as coisas a seus fins; e, nos transportes de uma admiração sempre nova, exclamaremos: Senhor, sois admirável em vossas obras; *«Mas tôdas as coisas dispuseste com medida, e conta, e pêso»*[2]. Que pensais, homens da ciência: será o céu uma morada enfadonha? Mas, se vos esgotais pela sombra, por que nada fazeis pela realidade?

Que deseja o homem para seu coração? Amar e ser amado. Quem dirá o que faz para contentar essa imperiosa necessidade de seu ser? Nada lhe custa para ser amado: vigílias, sacrifícios, trabalhos, perigos, privações, a própria vida, tudo lhe parece doce, contanto que seja amado. Oferece seu amor a tudo o que se apresenta, ao ouro, à prata, às honras, a seus semelhantes, aos próprios animais. É feliz quando se quer aceitá-lo e dar-lhe coração por coração. Pois bem! O céu é o complemento, a satisfação plena, inteira, eterna desse desejo. Ali amaremos a Beleza, o Bem infinito, oceano de toda beleza, fonte eterna de todo bem e, nele, todas as belezas e todos os bens criados.

E depois, o que faz sobretudo o encanto da amizade é essa secreta simpatia, essa ligação das almas, magia maravilhosa que produz entre certos corações um atrativo tão poderoso que parecem fazer esforço para desprender-se de seu lugar e ir juntar-se um ao outro. Mas que é isso em comparação com a simpatia que liga Deus à alma e uma alma a seu Deus? É tão grande da parte de Deus que é o desejo de unir-se a ela que o atraiu do céu à terra.

É tão forte da parte da alma que lhe é impossível estar contente ou feliz se não está unida a Deus. Ora, no céu essa simpatia será tão poderosa e tão deliciosa que irá, por assim dizer, até transformar-nos em Deus; de sorte que seremos, segundo a expressão do apóstolo São João, consumados nele, semelhantes a ele[3]. Consumados em Deus, semelhantes a Deus, concebeis uma felicidade assim? Que pensais, homens que ardeis de amor: será o céu uma morada enfadonha? Mas, se vos esgotais pela sombra, por que nada fazeis pela realidade?

Procurai ainda quais são os outros desejos do homem. A glória, o poder. Para chegar à glória, todos os caminhos, por difíceis que sejam, lhe são bons. Perguntai ao sábio que se consome em penosos labores, ao soldado que vai derramar seu sangue no campo de batalha, ao ambicioso que vela noite e dia para colher o momento da fortuna: Que procurais? Todos vos responderão: A glória, a glória! Sem ela a vida nada é para nós. Pois bem! Que glória no céu! Ser conhecido, estimado, amado pelo próprio Deus, pelos anjos e pelos santos[4]. Sobre a cabeça dos mártires, dos doutores e das virgens vejo brilhar uma auréola imortal, diferente conforme os graus do mérito e a distinção das virtudes[5], e sobre a cabeça de todos os santos uma coroa ofuscante que não será para ninguém motivo de ciúme e que fará a glória daqueles cuja fronte imortal ela ornar.

E o poder! Impossível dizer com que ardor, neste século sobretudo, o homem o deseja. Interrogai as ruínas, os rios de sangue, as convulsões de que somos testemunhas e vítimas: uma voz sairá delas para dizer-vos: Eis o que o homem faz para chegar ao poder. A história está cheia de exemplos que mostram a que extremos se leva a paixão de dominar. Sabe-se que Júlio César tinha frequentemente na boca este verso de Eurípides: Se jamais se pode faltar ao juramento, que seja para reinar; em tudo o mais, portai-vos como homem de bem. Agripina, mãe de Nero, tendo consultado os áugures sobre o destino de seu filho, recebeu, diz-se, esta resposta: Teu filho será imperador; mas fará morrer sua mãe. Não importa, exclama ela com transporte; que me tire a vida, contanto que reine.

Ora, o céu é a satisfação completa e eterna desse desejo de reinar que atormenta o coração do homem. Associados ao monarca dos mundos e dos séculos, os santos serão reis em toda a extensão da palavra. O que o Todo-Poderoso pode por si mesmo, eles o poderão por ele; reinarão sobre seus inimigos, para sempre vencidos, o demônio e seus anjos, os maus e suas próprias paixões, enfim sobre tudo o que existir. Domínio, independência, honras, riquezas, prazeres, cetro, coroa, tudo o que é apanágio da realeza será seu apanágio, e isso sem contestação, sem temor e sem limites.

Assim, o que é a luz para o cego que a entreviu e que arde por vê-la em todo o seu brilho, o Céu o é para o homem; o que é a saúde para o doente que sofre cruéis dores, o Céu o é para o homem; o que é a paz para o infeliz que, durante toda a vida exposto a ciladas, teve de permanecer noite e dia de armas na mão e viver em contínuos alarmes, o Céu o é para o homem; o que é para um rei

decaído o regresso a seu trono, o Céu o é para o homem; o que é para um viajante abrasado de sede uma fonte fresca e límpida, o Céu o é para o homem; o que é para o exilado o regresso à pátria, no seio de uma família bem-amada, o Céu o é para o homem; enfim, o que é para o homem devorado de desejos insaciáveis e sempre renascentes, para o homem alquebrado de trabalhos e de dores, para o homem condenado às lágrimas, às enfermidades, à morte, exposto a suplícios eternos, o gozo pleno, assegurado, perfeito de todos os bens, o repouso e a imortalidade da felicidade e da glória, o Céu o é para o gênero humano, e muito mais ainda. Possa o quadro tão imperfeito que traçamos dessa completa reabilitação de nossa natureza e de todas as coisas excitar nas almas o desejo eficaz de participar dela um dia, fazer-nos repetir a todos a palavra do grande Apóstolo:

> *Porque eu tenho para mim, que as penalidades da presente vida não tem proporção alguma com a gloria vindoura que se manifestará em nós*[6]*!*

Acrescentemos que, para conduzir o homem a essa felicidade sem mistura e sem fim, a Religião não lhe pede senão a permissão de torná-lo feliz na terra. Tal é, em duas palavras, o resumo desta obra e de todo o cristianismo no tempo e na eternidade.

Notas

[1] Valde mirabilis es, Domine ; facies tua plena gratiarum. — P. d’Argentan, Grandeurs de Dieu.

[2] Sb 11, 21.

[3] Jo 17, 23.

[4] Clara cum laude notitia.

[5] S. Tomás, p. II, q. XCVI.

[6] Rm 8, 18.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:41 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:41 by Admin